

## Por uma análise do discurso ecossistêmica da problemática do gênero em sociedades muçulmanas: o caso do Senegal

For an ecosystemic discourse analysis of the gender problem in muslim societies: the case of Senegal

*Djiby Mane\**

*\*Universidade de Brasília (UnB)*

---

**Resumo:** A desigualdade de gênero é uma realidade histórica atestada em todas as sociedades. Com base na cultura patriarcal real das grandes religiões (Cristianismo, Islamismo e Judaísmo), não se pode negar o importante papel da tradição e da religião na desigualdade de gênero em países como, por exemplo, o Senegal. Nos países muçulmanos, onde a religião e o Estado caminham lado a lado, algumas práticas cotidianas não relacionadas ao Islamismo são aplicadas e, infelizmente, justificadas pela religião. Nesse viés, acredita-se que uma das identidades da mulher muçulmana é construída via identidade do marido ou submissão ao marido. Portanto, ela pode sofrer uma crise de identidade, sendo condenada a permanecer em condição “inferior” ao homem. Assim, em observância ao Alcorão e aos estudos de Beauvoir (1970), Bugul (1999), Adiche (2015) e Couto, Couto e Borges (2015), o presente estudo teve por objetivo discorrer, por meio da Análise do Discurso Ecossistêmica, os versículos sagrados referentes ao casamento e à herança, no intuito de averiguar os sofrimentos social, mental e físico que vitimizam as mulheres muçulmanas. De modo particular, foi possível perceber que a mulher senegalesa, no casamento, é vítima dos seguintes tipos de sofrimento: físico (por ser campo lavrado de seu marido, ela pode até apanhar dele); social (como ela é avaliada, percebida pela sociedade ao infringir as tradições); e, mental (por sofrer calada em relação aos problemas conjugais entre ela e o marido e entre ela e as outras esposas).

**Palavras-chave:** Islamismo. Gênero. Sofrimento.

---

**Abstract:** Gender inequality is a historical reality attested to in all societies. Based on the real patriarchal culture of the great religions (Christianity, Islam and Judaism), one cannot deny the important role of tradition and religion in gender inequality in countries such as Senegal. In Muslim countries, where religion and the state go hand in hand, some everyday practices unrelated to Islam are applied and, unfortunately, justified by religion. In this bias, it is believed that one of the Muslim women's identities is constructed via the husband's identity or submission to the husband. Therefore, she can suffer an identity crisis, being condemned to remain in a condition “inferior” to the man. Thus, in compliance with the Koran and the studies of Beauvoir (1970), Bugul (1999), Adiche (2015) and Couto, Couto and Borges (2015), the present study aimed to discuss, through Ecosystemic Discourse Analysis, the sacred verses referring to marriage and inheritance, in order to investigate the social, mental and physical sufferings that victimize Muslim women. In particular, it was possible to notice that Senegalese women, in marriage, are victims of the following types of suffering: physical (because it is her husband's plowed field, she can even be beaten by him); social (how it is evaluated, perceived by society as it violates traditions); and, mental (for suffering silently in relation to the marital problems between her and her husband and between her and the other wives).

**Keywords:** Islam. Gender. Suffering.

---

## Considerações gerais

As relações de gênero, como mecanismos peculiares de cada cultura, determinam as funções e responsabilidades atribuídas em um determinado contexto. Suas implicações na vida cotidiana são múltiplas, tais como: distribuição do trabalho doméstico e extradoméstico; responsabilidades familiares; nível de educação; oportunidades de promoção profissional; inserção nas estruturas do poder; capacidade de negociação e tomada de decisões; entre outras.

As funções assumidas por mulheres e homens e as necessidades específicas então decorrentes são aspectos do conceito de gênero. Conhecer e considerar tais elementos são ações essenciais para saber como se caracteriza o sofrimento nessa relação de gênero.

Tratar da problemática do gênero na sociedade senegalesa, por exemplo, com base na Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE), significa considerar as diferentes oportunidades ofertadas a homens e mulheres, bem como os papéis atribuídos e os relacionamentos ali existentes. De fato, o gênero está intimamente ligado a todos os aspectos da vida (econômica, social, cotidiana e privada) dos indivíduos, atribuindo a homens e mulheres papéis específicos.

A desigualdade de gênero é uma realidade histórica atestada em todas as sociedades. Entre o feixe de causalidades por trás do que parece ser uma invariante universal, as religiões têm, obviamente, o seu lugar. E no que tange à relação mulheres-religião, o assunto é vasto e, por vezes, apaixonante. A ideia de uma responsabilidade especial das religiões na “infelicidade das mulheres” é bastante comum. Segundo Simone de Beauvoir (1970), elas têm contribuído para a dominação masculina ao segundo sexo.

Nos países muçulmanos, onde não se tem a separação entre Estado e religião, práticas não relacionadas ao Islamismo são aplicadas e, infelizmente, justificadas pela religião. Muitas vezes, pensa-se que a única identidade que a mulher muçulmana possui é construída via identidade do marido ou submetida a dele. Ela sofreria, portanto, de uma crise de identidade, sendo condenada a permanecer abaixo do homem ou até mesmo a seus pés.

Tal crise de identidade não se restringe aos países de religião muçulmana. Sobre a questão, Beauvoir (1970) abordou uma questão semelhante: a impossibilidade de lograr a grandeza atribuída ao homem. No Islamismo, bem como em parte das religiões, a inferiorização da mulher é um fato, contribuindo, assim, para sua desvalorização e, portanto, seu sofrimento.

Diante do exposto, faz-se importante salientar que as linhas que se seguem fizeram uso das teorias de Beauvoir (1970), Haugen (*apud* DIL, 1972), Couto (2007), Adichie (2015)

e Couto, Couto e Borges (2015). Em relação à metodologia empregada, os dados para análise tiveram por base versículos do Alcorão e Bugul (1999). E para demonstrar a desvalorização e/ou sofrimento da mulher na sociedade senegalesa, de maioria muçulmana, tratou-se da questão das concepções de gênero, segundo a tradição africana e o Islamismo, e fez-se a análise de alguns dados com o objetivo de averiguar os sofrimentos da mulher senegalesa na relação de gênero.

## 1 A Ecolinguística e a Análise do Discurso Ecosistêmica

A Ecolinguística ou Linguística Ecológica surgiu como um novo paradigma para a pesquisa linguística, expandindo a Sociolinguística por levar em conta não apenas o contexto social onde a língua está enraizada, mas também o contexto ecológico.

De cunho interacional e integrador, a Ecolinguística desenvolve um modelo de complexidade para dar conta em todos os níveis das inter-relações entre as línguas, as pessoas e o ambiente concernente. Em outras palavras, ela considera a língua do ponto de vista da interação; ou seja, do mesmo modo que a Ecologia, onde se examina a interação entre os organismos e entre os organismos e o meio ambiente, a Ecolinguística explora a interação entre as línguas e entre as línguas e seu meio ambiente e a sociedade em que são utilizadas (COUTO, 2007).

Sobre o meio ambiente, Haugen (*apud* DIL, 1972, p. 325) assevera que

o verdadeiro meio ambiente de uma língua é a sociedade que a utiliza como um de seus códigos. A linguagem existe apenas na mente de seus usuários e só funciona para relacionar esses usuários uns aos outros e à natureza, ou seja, seu ambiente social e natural. Parte de sua ecologia é, portanto, psicológica: sua interação com outras línguas nas mentes de falantes bilíngues e multilíngues. Outra parte de sua ecologia é sociológica: sua interação com a sociedade na qual funciona como meio de comunicação<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Do original: “The true environment of a language is the society that uses it as one of its codes. Language exists only in the minds of its users, and it only functions in relating these users to one another and to nature, i.e. their social and natural environment. Part of its ecology is therefore psychological: its interaction with other languages in the minds of bi- and multilingual speakers. Another part of its ecology is sociological: its interaction with the society in which it functions as a medium of communication” (HAUGEN, 1972, p. 325).

Em Ecologia, esse meio ambiente – conhecido como ecossistema – designa o conjunto formado por uma associação ou comunidade de seres (ou biocenose) e seu meio ambiente geológico e atmosférico (ou biótopo), ao passo que os elementos que constituem um ecossistema desenvolvem uma rede de interdependências que permitem manter o desenvolvimento da vida (ODUM, 1998).

Nesse ecossistema, dão-se as inter-relações ou interações conhecidas como Ecossistema Fundamental da Língua ou Ecologia Fundamental da Língua (EFL) (COUTO, 2007). Para esse autor, a comunidade é um ecossistema entendido como um agrupamento de pessoas, população ou povo (P), que tem um meio de comunicação em comum – a linguagem (L) – e que convive em um determinado espaço ou território (T).

Na EFL, a sociedade (P) é o elemento dinâmico da comunidade (C). No caso em tela, ela é constituída por todos os muçulmanos do mundo, incluindo árabes e não árabes. Vale destacar que os árabes constituem um povo ou uma etnia cujo critério distintivo é o uso da língua árabe, sendo os não árabes aqueles que em todo mundo adotaram a religião muçulmana.

Entende-se por (T) um espaço delimitado, próprio de um indivíduo, uma comunidade, um grupo social, para garantir sua reprodução e a satisfação de suas necessidades vitais. É uma entidade espacial; o local de vida do grupo. No caso em tela, ele se caracteriza pelo aspecto geográfico de todos os países árabes e comunidades muçulmanas.

Já (L) não é um fenômeno isolado, mas faz parte de qualquer ser humano e, conseqüentemente, da sociedade. É o requisito indispensável para o desenvolvimento da pessoa e do grupo social a que pertence. É entendida como um meio de comunicação que permite aos seres humanos expressarem seus sentimentos, seus pensamentos, suas emoções, isto é, um meio de interação.

Diante do exposto, a Ecolinguística busca dar conta em todos os níveis das inter-relações entre as línguas, as pessoas e o ambiente concernente. E entre suas vertentes, uma consiste em analisar o papel do discurso no campo da Ecologia, isto é, a influência da linguagem na natureza e nos ecossistemas, que são fonte de todas as formas de vida: a ADE.

Tem-se aí, segundo Couto e Silva (2020, p. 1), “uma área da Linguística Ecosistêmica (LE), dedicada especificamente à análise, interpretação, comentário e crítica de textos-discursos”. Com a abordagem da ADE, a Ecolinguística está preocupada com a forma como a linguagem está envolvida na formação, manutenção, preservação, influência ou destruição das relações entre os humanos, outras formas de vida e o meio ambiente.

Por ser a favor da vida, a ADE luta contra qualquer tipo de sofrimento que, segundo Couto, Couto e Borges (2015, p. 76), se perfazem em três, a saber: 1) Físico (natural); 2) Mental; e/ou, 3) Social. O sofrimento físico se refere à lesão ou à mutilação de um órgão (a

prática de excisão na África, que consiste em cortar parte do clitóris, por exemplo), à tortura física ou a qualquer tipo de ferimento aos seres vivos, sendo a morte o sofrimento físico máximo.

Quanto ao sofrimento mental, ele pode ser causado via tortura verbal. E ainda, as medidas de isolamento da pandemia do novo Coronavírus (SARS-COV-2) levaram os indivíduos a mudarem seus hábitos. Assim, o mais cruel é não poder beijar, abraçar, despedir-se de um ente querido, conforme o relato de uma ganesa na pesquisa realizada por Laouan (2020, p. 3): “O medo está em toda parte. As pessoas têm medo, até as crianças. Meus filhos não me abraçam mais porque têm medo de pegar o vírus”<sup>2</sup>.

Já o sofrimento social pode ser provocado, por exemplo, quando alguém difama, cria intrigas e/ou desmoraliza outrem no contexto da comunidade a que pertence. Por exemplo, a confusão que se dá com a associação do Islamismo com o terrorismo cria uma marginalização dos muçulmanos, acarretando a islamofobia. Assim, para alguns, alguém que se diz muçulmano é passível de desconfiança, sendo sinônimo de terrorista pronto para agir a qualquer momento.

## 2 Concepções sobre gênero

### 2.1 Conceito de gênero

Do latim *genus*, que significa “nascimento”, “família”, “tipo”, o termo “gênero” se refere a uma operação de classificação com base em critérios convencionais como, por exemplo, o gênero gramatical (a classificação dos substantivos em masculino e feminino) ou literário (uma variedade de textos). Nas ciências sociais, entende-se por gênero a construção social da diferença entre os sexos e as relações sociais dali decorrentes.

Tal conceito traz à tona o fato de que as diferenças entre os atributos do ser humano feminino e do ser humano masculino não se fundam na natureza, mas são historicamente construídos e socialmente reproduzidos pela socialização e educação diferenciadas dos indivíduos.

Segundo Bruschini (1998, p. 89), o gênero é o

---

<sup>2</sup> Do original: “La peur est partout. Les gens ont peur, même les enfants. Mes enfants ne me prennent plus dans leurs bras parce qu'ils ont peur d'attraper le virus”.

princípio que transforma as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres. Usar “gênero” para todas as referências de ordem social ou cultural, e “sexo” para aquelas de ordem biológica.

No presente estudo, têm-se como gênero as relações sociais de sexo. Tal abordagem estuda papéis e funções sociais, *status* e estereótipos atribuídos ao fato de ser mulher ou homem. A definição, a representação, a percepção do feminino ou do masculino e os valores que lhes estão associados são construções sociais, históricas, culturais e simbólicas – não sendo naturais e inatas, são variáveis e evoluem.

Ao contrário da diferença anatômica e biológica entre os sexos – que é inata e fixa –, as relações sociais entre mulheres e homens estão em constante flutuação e mudança. As representações do masculino e do feminino podem, portanto, diferir entre sociedades e dentro da mesma sociedade em observância aos tempos e grupos sociais, de um indivíduo para outro ou no indivíduo em particular - que tem representações mutáveis no decorrer de sua vida ou conforme com as circunstâncias e os contextos vivenciados.

Apesar de sua complexidade devido à sua dimensão flutuante, a noção de gênero é uma ferramenta conceitual essencial para pensar e analisar uma dada sociedade, uma vez que as relações entre homens e mulheres, por vezes, são ali decisivas. Logo, nas linhas que seguem, têm-se as concepções de gênero na cultura africana e no Islamismo.

## 2.2 O gênero na tradição africana

A África é um mosaico cultural, de tradições próprias<sup>3</sup> e as práticas culturais advindas da colonização e da islamização. Nesse continente, tratar de gênero significa abordá-lo observando as tradições concernentes.

Para Rukata (2002, p. 1)<sup>4</sup>, a concepção de gênero pode ser comparada a uma árvore:

---

<sup>3</sup> A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas – pelo menos é o que prevalece em grande parte das civilizações africanas (KI-ZERBO, 2010).

<sup>4</sup> Do original: “Comme tout arbre, l’arbre du genre a des racines, le tronc et les feuilles. Les racines sont des valeurs, des normes, des attitudes et perceptions que nous ne voyons pas d’emblée dans les pratiques ou gestes de tous les jours mais qui sont les fondements même de nos actes et pratiques journalières. Le tronc représente les institutions et organisations sociales, les structures mises en place par les hommes qui canalisent les valeurs encrées dans les racines. Quant aux feuilles, se sont les choses visibles, les pratiques journalières, les manières

Como qualquer árvore, a árvore do gênero tem raízes, tronco e folhas. As raízes são os valores, normas, atitudes e percepções que não vemos imediatamente em práticas ou gestos de todos os dias, mas que são os fundamentos de nossos atos e práticas diárias. Quanto ao tronco, representa as instituições e organizações sociais, as estruturas criadas pelos homens, canalizam os valores enraizados. Já as folhas são as coisas visíveis, práticas diárias, modos de comportamento [...].

Da árvore do gênero, as raízes que constituem os fundamentos dos atos e das práticas diárias do gênero, que tem por base os costumes e as tradições da sociedade africana. Quanto ao tronco, refere-se ao importante impacto da colonização e da islamização nas sociedades de maioria muçulmana (Senegal, por exemplo). É o canal onde se manifestam as realizações, os comportamentos e os atos cotidianos enraizados via religião, escola, mídia, Estado e família. Já as folhas dizem respeito às vivências diárias das mulheres, como, por exemplo, o problema do analfabetismo, o casamento e/ou a gravidez precoce, a poligamia, a submissão – nas palavras de Beauvoir (1970), a mulher é sempre considerada a outra.

A sociedade africana, muito hierárquica, é claramente estruturada em torno da superioridade masculina. A segregação de gênero em todas as atividades e manifestações sociais começa muito cedo. Desde a infância, meninos e meninas são iniciados aos seus futuros papéis na comunidade. Na tradição africana, as moças recebem uma educação diferente da dos moços; ou seja, enquanto as moças são iniciadas ao fogo quente (alusão à cozinha), os moços são iniciados a construir casas, barcos etc., como ilustra Bugul (1999, p. 82):

Rama segurou o copo quente, lembrando-se instintivamente da iniciação ao calor, fogo, pela qual qualquer menina deve passar: pegar um pedaço de brasa e colocá-la de volta. As mãos da mulher devem domar o fogo. Rama aguentou o calor do copo quente e café quente.

A sexualização das tarefas tem por base os fundamentos da distribuição de ocupações em observância aos gêneros. As razões têm por norte as tradições, que continuam se perpetuando. Assim, um homem se sentirá incomodado na ação de cozinhar ou lavar roupas, por exemplo. Tal prática enraizada é assim questionada por Adichie (2015, p. 37):

Mas por que é assim? Será que elas nascem com um gene a mais para cozinhar ou será que, ao longo do tempo, elas foram condicionadas a

---

de se comporter [...]” (RUKATA, 2002, p. 1).

entender que seu papel é cozinhar? Cheguei a pensar que talvez as mulheres de fato houvessem nascido com o tal gene, mas aí lembrei que os cozinheiros mais famosos do mundo – que recebem o título pomposo de “*chef*” – são, em sua maioria, homens.

Em algumas sociedades tradicionais da África, a menina é simbolicamente equiparada com a cabaça: o primeiro objeto em todas as atividades da vida coletiva. É o instrumento utilizado para dar água a uma pessoa; é a fonte da vida, que também pode ser um recipiente, uma caixa de som de instrumento musical (*cora*, nos *griôts* da África ocidental (músicos tradicionais)) e um meio de troca entre as comunidades; é o elemento de construção da paz. Além das funções sociais da cabaça, esta é considerada um instrumento, possuindo função progenitora e de proteção da vida.

Para além das tarefas domésticas, a mulher deve engravidar, dar à luz e educar as crianças, cujos primeiros passos estão, sem dúvida, sujeitos à governança e bondade maternas.

Diante do exposto, vale questionar: que igualdade de gênero tão almejada é essa? É matemática ou funcional? Na família africana, ressalta Rukata (2002, p. 1)<sup>5</sup>, “[...] a mulher é o lar; ela deve ser uma agulha para juntar e costurar os diferentes membros da família”. O papel da mulher no lar aumenta o poder do homem, submetendo-a, caracterizando, assim, a desigualdade entre homem e mulher. Sobre a questão, Adichie (2015, p. 21) destaca que as realidades atuais devem promover uma postura diferente em relação à supremacia do homem sobre a mulher:

Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar.

A problemática do gênero deve ser entendida como uma luta para que os direitos das mulheres sejam promovidos e possam perfazer alguma melhoria, alguma proteção dos direitos das mulheres, como, por exemplo, a luta contra o casamento precoce, a poligamia, as violências física, mental e social, por uma legislação mais justa.

---

<sup>5</sup> Do original: “Au sein de la famille en Afrique, la femme africaine est le foyer; elle doit être une aiguille pour rapprocher et coudre ensemble les différents membres de la famille” (RUKATA, 2002, p. 1).

Infelizmente, as doutrinas e os ensinamentos de todos os tipos, sobretudo, aqueles de cunho religioso que desvalorizam as mulheres, no decorrer dos tempos, culminaram em um campo fértil no seio familiar, onde o pai e “seu” filho se comportam como chefes de família e, a mãe e sua “filha”, como subordinadas.

### 2.3 A questão do gênero no Islã

Por muitos séculos, a distinção e a hierarquia entre os sexos se fizeram presentes nas tradições religiosas que transcenderam a humanidade. Tal mensagem se deu a partir de textos bíblicos e corânicos, por exemplo, – objetos de múltiplas interpretações e que alimentaram a imaginação das sociedades. A interpretação repassada durante séculos foi a da subordinação da mulher ao homem.

No Islamismo, as diferentes traduções do Alcorão na história e sua aplicação em todos os países apontam diferentes lugares para as mulheres. Ali, “as mulheres são as almas gêmeas dos homens”, ou seja, elas têm espiritualmente o mesmo lugar que os homens: “Então, Seu senhor atendeu-os, dizendo: Por certo, não faço perder o labor de um laborioso, entre vós, seja varão<sup>6</sup> ou varoa: procedeis uns aos outros (ALCORÃO, s. 3, v. 195) (versículo que não aponta nenhuma diferença entre homem e mulher, por tratá-los igualmente).

A igualdade entre homem e mulher é também evidenciada no versículo abaixo:

E os crentes e as crentes são aliados uns aos outros. Ordenam o conveniente e coíbem o reprovável e cumprem a oração e concedem az-zakâh<sup>7</sup>, e obedecem a Allah e a Seu Mensageiro. Desses, Allah terá misericórdia. Por certo, Allah é Todo-Poderoso, Sábio. (ALCORÃO, s. 9, v. 71).

---

<sup>6</sup> O versículo foi revelado quando Umm Salamah, mulher do Profeta Maomé, lhe confessou não entender por que, no Alcorão, não foram mencionadas as mulheres, assim como os homens, quando trata das recompensas da Hégira.

<sup>7</sup> **Az-zakâh**: parte dos bens concedida em caridade. O Alcorão incita os filhos de Israel à prática da caridade, não só para consolidar a fraternidade social, mas para dirimir o ódio que as diferenças sociais provocam no pobre em relação ao rico, fazendo com que este se sinta, parcialmente, responsável pelos desafortunados, pois a riqueza é dádiva de Deus e, por consequência, deve ser compartilhada. Dessa forma, cada moslim deve conceder az-zakâh correspondente a 2.5% ou 1/40 avos do que possui, que excedam os limites de suas necessidades e estejam disponíveis, durante um ano. O governo recolherá esta quantia para distribuí-la às oito categorias de necessitados, de acordo com o Alcorão (IX 60). (ALORÃO, s. 2, v. 43. n. 4).

Esse versículo mostra claramente uma reciprocidade de participação na sociedade de homens e mulheres. Em uma solidariedade social baseada na fé, ambos são considerados aptos para defender a ordem pública e a moralidade. Para uma sociedade justa e igualitária, a participação conjunta e unida de homens e mulheres é, portanto, necessária.

Quanto à desigualdade entre homens e mulheres, o Alcorão (s. 2, v. 228) assim acrescenta:

E que as divorciadas aguardem, elas mesmas, antes de novo casamento, três períodos menstruais<sup>8</sup>, e não lhes é lícito ocultarem o que Allah criou em suas matrizes, se elas creem em Allah e no Derradeiro Dia. E, nesse ínterim, seus maridos têm prioridade em tê-las de volta, se desejam reconciliação. E elas têm direitos iguais às suas obrigações, convenientemente. E há para os homens um degrau acima delas<sup>9</sup>. E Allah é Todo-Poderoso, Sábido.

O versículo em questão aponta um tratamento diferente entre homens e mulheres, sendo que a mulher é sempre a outra. Ela tem que se submeter ao homem. Mesmo divorciada e até viúva, ela somente poderá se envolver em outro relacionamento depois de um tempo determinado. Independentemente do contexto da revelação deste versículo, as palavras são fortes e inadmissíveis, principalmente quando a questão do gênero é considerada como uma luta pela igualdade.

Em geral, as mulheres muçulmanas têm seu lugar na sociedade fixado por dois versículos do Alcorão. O primeiro (s. 2, v. 228 – supramencionado) ressalta que os homens são superiores às mulheres. O segundo vai na mesma linha de pensamento ao afirmar que

os homens têm autoridade sobre as mulheres, pelo que Allah preferiu alguns a outros<sup>10</sup>, e pelo que dependem de suas riquezas. Então, as íntegras são devotas, custódias da honra, na ausência dos maridos, pelo que Allah as custodiou. E àquelas de quem temeis a desobediência, exortai-as, pois, e abandonai-as no leito, e batei-lhes. Então, se elas vos

---

<sup>8</sup> Para que elas se assegurassem da ausência de gravidez.

<sup>9</sup> Compete ao homem, em caso de divórcio, voltar atrás na decisão. Ele é quem deve deliberar sobre o assunto. Parece que o escalão aqui mencionado se refere a este privilégio e deve, assim, ser entendido, estritamente, neste caso, não genericamente, em todos os assuntos de vida (ALCORÃO, s. 2, v. 228).

<sup>10</sup> Entenda-se a primazia do homem, na sociedade mais propiciada pela força física e pelos encargos de que é investido, do que pelo grau de honra.

obedecem, não busqueis meio de importuná-las. Por certo, Allah é Altíssimo, Grande (ALCORÃO, s. 4, v. 34).

O peso do costume nas mulheres está bem estabelecido no Alcorão, que prega a submissão da esposa ao marido – submissão reconhecida como um direito de obediência entre parceiros – e a recomendação da bravura no trabalho, em oposição à preguiça – um vício social explorado por muitos homens para sujeitar as mulheres.

Infelizmente, muitas correntes no Islamismo ou homens buscam interpretar os versículos a seu favor, que definem o *status* das mulheres como inferior ao dos homens, em especial, no matrimônio, na herança, na vestimenta, na educação ou nos direitos civis. Tal inferiorização da mulher acarreta, em geral, sofrimentos social, físico e mental.

Apesar da existência de posições controversas a respeito da questão de gênero, a ADE defende a igualdade de gênero entre homem e mulher, como ressaltam Couto, Couto e Borges (2015, p. 136): “[...] a ADE estará considerando a mulher uma igual do homem, não seu antagonista”.

### **3 A problemática do gênero à luz da Análise do Discurso Ecosistêmica**

O presente item buscou analisar alguns versículos do Alcorão, a fim de averiguar os tipos de sofrimentos pelos quais passa, em particular, a mulher senegalesa. A observância dos versículos supramencionados, com base na ADE<sup>11</sup>, significa averiguar a interpretação que cada muçulmana faz deles.

O Senegal é uma ex-colônia francesa, sendo o francês sua língua oficial, em conjunto com a língua árabe – língua das práticas religiosas, devido à representativa população muçulmana (96%). Por ser a língua do Islamismo, o árabe é o meio de comunicação não somente de mais de 20 países que a têm como língua oficial, mas também de todas as comunidades muçulmanas do mundo, por ocasião das orações e/ou da comunicação e da leitura do Alcorão, quando do acesso à palavra divina.

---

<sup>11</sup> A Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE)/Linguística Ecosistêmica Crítica (LEC), ao contrário da análise do discurso tradicional, enfatiza a defesa da vida na face da Terra e em uma luta contra tudo que possa trazer sofrimento. É verdade que o sofrimento e a dor são uma proteção que os seres vivos têm contra a morte (COUTO; COUTO; BORGES, 2015).

É preciso salientar que nem todo árabe é muçulmano, assim como nem todo muçulmano é árabe ou fala árabe, mas esse tem a obrigação de ler o Alcorão e recitar as *suratas* nas rezas diárias – decoradas ou por ensinamentos recebidos pelos pais desde a tenra idade.

Por ser a favor da vida, a ADE luta contra qualquer tipo de sofrimento. Sobre a questão, Couto, Couto e Borges (2015) apontam três tipos de sofrimento, a saber: 1) Físico (natural), que se refere a uma lesão, à mutilação de um órgão, a uma tortura física e/ou a qualquer tipo de ferimento aos seres vivos, sendo a morte o sofrimento físico máximo; 2) Mental – uma tortura verbal, por exemplo; e, 3) Social – quando alguém difama outrem, criando intrigas ou tentando desmoralizá-lo no contexto da comunidade a que pertence.

### 3.1 A poligamia: um exemplo do sofrimento triplo

Como assunto controverso, a poligamia é uma prática comum nas sociedades muçulmanas. Trata-se de um exemplo de desigualdade no casamento, onde o homem pode se casar com mais de uma esposa, sendo que o contrário, a poliandria, é impossível. Sobre tal prática, assim se manifesta o Alcorão (s. 4, v. 3):

E, se temeis não ser equitativos para com os órfãos, esposai as que vos apazam das mulheres<sup>12</sup>: sejam duas, três ou quatro. E se temeis não ser justos, esposai uma só, ou contentai-vos com as escravas que possuíis. Isso é mais adequado, para que não cometais injustiça.

Diante do exposto, o homem pode se casar com até quatro esposas, à condição de uma fidelidade total. Do contrário, deve optar pela monogamia ou casar-se com as escravas que tem.

A parte que trata das escravas parece não se aplicar atualmente. E em relação à permissão de se casar com até quatro esposas, há quem acredite que foi dada por Deus em situações específicas de pós-guerra. Assim, aos homens são permitidos e/ou responsáveis por até quatro mulheres, buscando evitar que elas permaneçam na condição de solteiras ou com crianças sem guardiões – tal permissão somente se dá quando o homem achar que pode ser

---

<sup>12</sup> Sabe-se que o povo árabe adotou, durante vários séculos, a poligamia. No passado, foram inúmeros os povos que a adotaram. Desde o patriarca Abraão até a vinda de Cristo. O Antigo Testamento, por exemplo, apresenta inúmeras passagens da existência de vida conjugal polígama. Fundamentalmente, a poligamia resultou de dois fatores inexoráveis e incontornáveis do passado, quais sejam: 1) A mortalidade maior do sexo masculino, pelas guerras; e, 2) O repúdio dos orientais à instituição denominada prostituição.

fiel a todas. Do contrário, é melhor casar-se com apenas uma mulher.

A fidelidade, nesse caso, consiste em ter o mesmo tratamento para todas, quer material (comida na mesa, vestimenta), quer sentimental. Aceitar o matrimônio polígamo é uma forma de aceitar todo que está por trás dessa prática que sujeita a mulher.

De fato, pouco importa o contexto do surgimento do versículo s. 4, v. 3 do Alcorão. Atualmente, a prática da poligamia é muito comum nas comunidades muçulmanas. No Senegal, em particular, um dos fatores catalizadores dessa prática, além da presença do Islamismo, foi a administração colonial, quando o papel da mulher era relegado às atividades domésticas e à procriação. Na época, os senegaleses empregados na administração colonial ganhavam uma indenização por número de filhos – fato importante para o aumento da taxa de natalidade e da prática da poligamia.

Por ser uma prática comum no Senegal, a poligamia é uma estrutura institucionalizada que ordena a mulher a sacrificar sua felicidade pela felicidade do marido. Nesse sentido, Bugul (1999, p. 56-57) aponta como deve se comportar uma mulher casada:

Comporte-se bem. Não se esqueça que você é propriedade de um santo. Seja correta com as outras esposas do *Serigne*. Não há nenhuma rivalidade, há rivalidade apenas no caminho do bem, você deve fazer o bem, dizer boas coisas em todas as circunstâncias. Mostre que você recebeu uma boa educação. Seja uma mulher submissa. Obedeça à vontade de seu marido. Não se intrometa no que não te compete. Que seus olhos não vejam nada. Que seus ouvidos não ouçam nada. Que sua boca não diga nada. Que seu pé seja curto. Que sua mão seja curta. Seja surda, muda e cega. Lembre-se, submeta-se à Sua vontade. É assim que você terá a '*Baraka*', será seu caminho reto para o paraíso.

Sobre o modo imperativo, a instituição social ocorre até o ponto em que a chamada do dever também se torna a negação da liberdade das mulheres. Deve ser mistificada a dependência feminina, a fim de estabelecer um verdadeiro culto de passividade, onde a regra habitual se inscreve no tempo. Como a ADE defende a vida e é contra qualquer tipo de sofrimento (COUTO; COUTO; BORGES, 2015), a poligamia, *de per si*, é responsável pelos três tipos de sofrimento supramencionados.

Assim, no sofrimento físico, as rivalidades entre as co-esposas e a conquista de espaço por cada uma delas para ser a preferida do marido acabam em violência, como por exemplo, a esposa ceifando a vida do marido, o marido matando a esposa ou uma esposa assassinando a co-esposa.

Quanto ao sofrimento social, como o marido privilegia sempre uma entre as co-esposas, sendo, em geral, a recém-casada (portanto, a mais nova), as demais acabam sendo relegadas ao segundo plano. Em outras palavras, a recém-casada assume a posição de privilegiada ('tudo novo, tudo bonito') em detrimento às demais mulheres, que podem se juntar para combater a recém-chegada. Dessa relação polígama de ódio entre as co-esposas, nascem os filhos, que crescem vendo todos os problemas enfrentados por suas mães.

Além disso, a poligamia pode resultar na desestruturação no lar, em conflitos domésticos entre co-esposas, revoltas, problema de herança em caso de morte do marido etc. E ainda, pode emanar o ciúme entre as co-esposas, acarretando violência, a ponto de ceifar a vida de outrem, matar-se ou tornar-se depressiva. O desgaste do relacionamento e a deterioração dos vínculos sociais direcionam para a adoção de comportamentos que não estão de acordo com os valores sociais, acarretando violência e insegurança social.

Já o sofrimento mental se manifesta pelo fato de não somente compartilhar seu marido, mas também pela preocupação com as rivalidades polígamas, que acabam em ciúmes, brigas, depressão, isolamento e até a morte que, segundo Couto, Couto e Borges (2015), é o sofrimento máximo existente. Além disso, têm-se as ações de suportar e administrar a rivalidade, as brigas que ocorrem entre os filhos de cada uma das co-esposas, principalmente quando essas crianças percebem que a preferida de seu pai é/ou não é sua mãe. Nesse sentido, a família deixa de ser um lugar de paz para se tornar um campo de "terrorismo mental".

A poligamia é uma prática comum em muitos países muçulmanos, por vezes, com base no Alcorão. Mas nessa prática social, são inúmeros os abusos e o martírio (em silêncio) vivenciados pelas mulheres, até que tudo venha à tona. De fato, por trás de quase todo lar polígamo, se tem uma violência silenciosa, culminando em um campo fértil de medo, depressão, isolamento, dramas, divórcio e morte.

### **3.2 O casamento: um exemplo de sofrimento físico**

Como exemplo de sofrimento físico, o casamento é um lugar de violência doméstica, onde é permitido ao homem agredir fisicamente sua esposa, como ressalta o versículo abaixo:

Os homens têm autoridade sobre as mulheres, pelo que Allah preferiu alguns a outros, e pelo que dependem de suas riquezas. Então, as íntegras são devotas, custódias da honra, na ausência dos maridos, pelo que Allah as custodiou. E àquelas de quem temeis a desobediência,

exortai-as, pois, e **abandonai-as no leito, e batei-lhes**<sup>13</sup>. Então, se eles vos obedecem, não busqueis meio de importuná-las. Por certo, Allah é Altíssimo, Grande (ALCORÃO, s. 4, v. 34, grifo meu).

No versículo do Alcorão outrora apresentado, é possível perceber que os homens têm o direito de impor penalidades à sua esposa, sobretudo, a punição física. Assim, uma mulher não pode fazer nada contra o marido, seja ele brutal, infiel ou bêbado. Infelizmente, há muitos que erroneamente abusam deste versículo e se permitem infligir um tormento real em suas esposas.

Em outro versículo do Alcorão, o vínculo do matrimônio é assim descrito:

Vossas mulheres são, para vós, campo lavrado. Então, achegai-vos a vosso campo lavrado, como e quando quiserdes. E antecipai boas obras, para vós mesmos. E temei a Allah, e sabeis que deparareis com Ele. E alvissara, Muhammad, aos crentes o Paraíso! (ALCORÃO, s. 2, v. 223).

Aqui se percebe que pouco importa o sentimento, o sofrimento e a dor da mulher, pois, ela tem o dever moral de satisfazer as necessidades de seu marido – o que acaba resultando em sua coisificação.

Mas, outro versículo do Alcorão já ameniza a situação, apontando que existe uma complementaridade entre homem e mulher: “Elas são para vós vestimentas, e vós sois para elas vestimentas” (ALCORÃO, s. 2, v. 187). Assim, no matrimônio, deve haver uma complementaridade entre o casal: protegem-se mutuamente e cobrem os defeitos um do outro; em suma, mantêm um elo de amor puro e profundo.

Como exemplo de sofrimento máximo – a morte (COUTO; COUTO; BORGES, 2015) –, o periódico senegalês *Le Nouvel Afric.com*, de 15 de novembro de 2019, noticiou um drama em Malika, cidade satélite de Dacar, Senegal. Ali, a jovem A. K., de 22 anos de idade e 3 meses de gravidez, foi covardemente assassinada pelo próprio marido após uma briga. Segundo algumas testemunhas, a mulher foi a uma unidade de saúde para se submeter a exames de ultrassom, encontrando-se impossibilitada de preparar a refeição – uma privação não aceita pelo marido. Então, ele a isolou em um quarto, espancando-a até a morte.

---

<sup>13</sup> Bater suavemente, sem atingir-lhes a face ou as partes sensíveis.

### 3.3 A herança: um exemplo de sofrimento social

A herança da mulher muçulmana advém dos pais, do marido e dos filhos. Entre os versículos do Alcorão relacionados à herança, tem-se um que designa uma parte para a mulher e as duas restantes para o homem. Em outras palavras, a inferiorização da mulher em relação ao homem também é marcada na herança.

Allah recomenda-vos, acerca da herança de vossos filhos: ao homem, cota igual à de duas mulheres<sup>14</sup>. Então, se forem mulheres, duas ou acima de duas, terão dois terços do que deixar o falecido. E, se for uma, terá a metade. E aos pais, a cada um deles, o sexto do que deixar o falecido, se este tiver filho. E, se não tiver filho, e seus pais o herdarem, à mãe, o terço. E, se tiver irmãos, à mãe, o sexto. Isso, depois de executado o testamento<sup>15</sup> que houver feito, ou de pagas as dívidas. Entre vossos pais e vossos filhos, não vos inteirais de quais deles vos são mais próximos em benefício. É preceito de Allah. Por certo, Allah é Onisciente, Sábio (ALCORÃO, s. 4, v. 11).

Em termos de herança, os meninos são favorecidos em relação às meninas da mesma família. Não importando a justificativa, tal situação – que favorece o homem em detrimento da mulher – acarreta, por vezes, em sofrimento social para a mulher, que é sempre tratada como um ser inferior ao homem, ou seja, como a outra, nas palavras de Beauvoir (1970).

### Considerações finais

Em uma sociedade onde o Islamismo regula os padrões de vida, os homens sempre buscam justificar seu comportamento naquilo que consideram recomendações religiosas. Em muitos casos, a família se apresenta como um enorme campo de batalha, onde alguns indivíduos têm a liberdade de serem eles mesmos e constroem livremente sua felicidade. A família não é mais o refúgio de paz em que se pode pensar naturalmente. É frequentemente um local de competição, privação e violência.

---

<sup>14</sup> O Islamismo concede ao homem, na herança, o dobro que à mulher, assentado no pressuposto de que àquele cabem responsabilidades maiores: despesas com a casa, família, filhos, além do Mahr que concede às mulheres, ao casar-se.

<sup>15</sup> Ou seja, após as doações e o pagamento das dívidas, tem-se, então, a partilha do restante.

Assim, a mulher muçulmana tem sofrido física, social e mentalmente devido às práticas que a desumanizam. Aqui, Beauvoir (1970) incrimina tanto as mulheres – a quem denuncia a passividade, a submissão e a falta de ambição – quanto os homens – a quem acusa de sexismo, covardia e crueldade.

Enquanto os homens exercem algum tipo de violência sobre suas esposas e as co-esposas praticam a violência entre si (entre as esposas), atualmente, as mulheres exercem algum tipo de violência sobre seus maridos (assassinatos, feridas etc.), alegando legítima defesa, tornando a família um verdadeiro campo de batalha. A análise desses fatos sociais aponta que a poligamia é um dos fatores determinantes nesses casos de violência, acarretando os sofrimentos social, mental e físico.

As violências físicas acabam, por vezes, em morte que, de acordo com a ADE, é o sofrimento máximo existente. Nesse sentido, Couto, Couto e Borges (2015, p. 138) afirmam que a “ADE analisa, critica e prescreve/recomenda comportamentos que favoreçam a vida e evitem o sofrimento”.

E, infelizmente, a mulher ainda luta contra a desigualdade e os sofrimentos outrora apontados, mesmo se as diferenças não são mais tão gritantes quanto antes. De fato, muito se tem por fazer antes que a mulher possa ser tão livre e independente e antes que as condições das mulheres melhorem.

Nesse ínterim, os movimentos feministas, progressistas e todos os humanistas de todo o mundo devem unir forças para lutar com abnegação e determinação contra a inferiorização retrógrada e desumana da mulher.

Embora a situação aqui exposta esteja mudando pelo fato de a mulher africana enfrentar a dicotomia tradição *versus* modernidade, que são ambas como a língua de Esopo<sup>16</sup> – a melhor e a pior das coisas –, ela é esmagada pela tradição, que se tornou quase estrutural.

A fim de evitar os sofrimentos pelos quais passam as mulheres em matrimônios polígamos, alguns países (Marrocos, Tunísia, Turquia) criaram leis para desencorajar as práticas polígamas. Mas, é preciso esclarecer que por mais rígidos que sejam os ditames, nem sempre sua aplicação logra alcançar a todos, sobretudo, as áreas mais distantes dos grandes centros urbanos. E ainda, as mulheres financeiramente independentes ignoram o peso da tradição e da religião, optando pela monogamia, pois, do contrário, preferem ficar solteiras. Mas, enquanto esses países buscam legalmente proibir a poligamia, um cartório do Rio de Janeiro, Brasil, surpreende com a celebração oficial do primeiro casamento polígamo, como atestado pelo *Jornal do Rio*, em outubro 2019.

---

<sup>16</sup> A expressão ‘língua de Esopo’, do fabulista grego Esopo, é utilizada para se referir a uma situação dicotômica, dando margem ao elogio ou à crítica.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALCORÃO. Tradução de Dr. Helni Nasr, professor de Estudos Árabes e Islâmicos na Universidade de São Paulo, São Paulo: [s. n], [s. d].

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. Tradução de Sérgio Millier. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. V. 1.

BUGUL, Ken. *Riwan ou le chemin de sable*. Paris: Présence Africaine, 1999.

BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle; UNBEHAUM, Sandra G. *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; São Paulo: Ed. 34, 1998.

COUTO, Hildo Honório do; SILVA, Anderson Nowogrodzki da. *Boletim do GEPLÉ Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica*, n. 4, 2020.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. *Análise do Discurso Ecológica – ADE*. Campinas (SP): Pontes, 2015. (Coleção: Linguagem e sociedade, vol. 9).

HAUGEN, Einar. The Ecology of Language. In: DIL, Anwar S. (ed.). *The Ecology of Language: essays by Einar Haugen*, Sel. e introdução de Anwar S. Dil. Stanford: Stanford University Press, 1972. p. 325-339.

KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História Geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

LAOUAN, Fatouma Zara. *Analyse rapide du genre – COVID-19*. Afrique de l'Ouest, abr. 2020.

ODUM, Eugene Pleasants. *Fundamentos de Ecologia*. Pref. de Eugene Pleasants Odum. Tradução de António Manuel de Azevedo Gomes. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

RUKATA, André. *La problematique du genre en Republique Democratique du Congo (RDC)*. 2002. Disponível em: <http://www.codesria.org/IMG/pdf/RUKATA.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2021.

**DJIBY MANE**

Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Adjunto da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil.

**Lattes ID:** <http://lattes.cnpq.br/6531573273312615>

**Orcid ID:**

**E-mail:** [djibym@gmail.com](mailto:djibym@gmail.com)